

ENSAIO

Acesso à memória semântica e episódica: estratégias preferenciais de iletrados e semiletrados

Leonor Scliar-Cabral¹, Rosemeire Selma Monteiro-Plantin²

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil; Universidade Federal do Ceará, Brasil

O objeto do texto é contribuir para o debate, na pesquisa psicolinguística, sobre como está estruturado o conhecimento na memória semântica e episódica (também rotulada como de eventos (Lucariello e Nelson, 1985), ou temática) e sobre quais fatores determinam as estratégias preferenciais de acesso a uma ou a outra dessas memórias. As autoras utilizaram o método dos Protocolos de Pensar em Voz Alta (*TAP, Thinking Aloud Protocols*, Ericsson e Simon, 1980, 1984), na versão retrospectiva imediata dialógica, solicitando aos participantes justificar as razões de terem escolhido entre duas palavras a que emparelhasse melhor com uma primeira.

Tomemos um exemplo da lista de tríades de palavras consideradas na pesquisa aqui discutida: dado o primeiro estímulo 'janela', o participante deveria escolher entre 'porta' ou 'cortina', qual emparelhasse com a primeira palavra. Da simples escolha de 'porta', infere-se um processo de categorização em um superordenado próximo, 'casa', formando-se um grupo (*cluster*) com dois elementos. Mas, se o participante tivesse escolhido 'cortina', não teria havido um processo de categorização e, sim, a evocação de um esquema na memória episódica, em que o participante teria visualizado uma janela com uma cortina. São, contudo, inferências.

Para atingirmos o objeto desse estudo, são necessárias evidências mais explícitas, contidas

¹ E-mail: leonorsc20@gmail.com | ORCID: 0000-0003-3163-5482.

² E-mail: rosemeire.plantin@gmail.com | ORCID: 0000-0001-5372-0894.

nos Protocolos de Pensar em Voz Alta, versão retrospectiva imediata dialógica, dos quais analisaremos alguns exemplares nesse ensaio.

Levantar hipóteses sobre o acesso à memória semântica implica passar por modelos sobre como está organizada, com apoio em teorias linguísticas. A dificuldade de tal empreendimento levou Bloomfield (1960 [1933]) a retirá-la do escopo da linguística. No entanto, a partir do pressuposto de que as pessoas pertencentes a uma mesma comunidade linguística se entendem e produzem textos inteligíveis, princípios comuns devem estar subjacentes ao modo como a memória semântica está estruturada. Conforme Pan e Berko (2001, cap. 4) colocaram, “*é importante notar que o significado de uma palavra está nos falantes de uma língua comum e não no mundo dos objetos*”.

Embora as propostas divirjam quanto à base epistemológica e concepção de como a memória semântica se organiza, há, de um modo geral, um consenso em relação à existência de uma memória semântica, especificamente linguística e de uma memória episódica, que registra fatos e eventos (Lucariello e Nelson, 1985). A memória episódica ou de eventos já havia sido consignada por Tulving em 1972, sob a denominação de relações esquemáticas e taxonômicas, elas são:

fortemente ligadas às representações de eventos inteiros e refletem aspectos concretos da experiência, funcionais ou perceptuais, dependentes do contexto, tais como ‘banana – amarelo’, ‘cadeira – sentar’. Em contraste, as relações taxonômicas descontextualizadas, entre palavras, são baseadas em componentes mais abstratos, que não são imediatamente dados à recepção (van Helden-Lankhaar, 1999, p. 25-6).

Nyberg *et al.* (1996) conduziram um experimento que utilizava o PET (tomografia de emissão de pósitrons), demonstrando que algumas regiões do cérebro, particularmente o córtex pré-frontal, são ativadas diferencialmente durante a evocação de episódios: 26 dentre 29 sujeitos acusaram aumento significativo da ativação de fluxo sanguíneo na região frontal do hemisfério direito na evocação de episódios, enquanto 13 dentre 16 sujeitos apresentaram ativação na região pré-frontal do hemisfério esquerdo em experimentos que envolviam categorização semântica. Todos os indivíduos possuíam ambas as representações, porém houve estratégias preferenciais para seu uso, determinadas entre outros fatores, pelo nível de letramento e escolaridade, o que será examinado neste ensaio.

Roger Brown, num artigo clássico (1970 [1958]), foi o primeiro a discutir sob o enfoque psicolinguístico, o problema da referência e sua relação com a categorização semântica.

Apoiando-se em Frege (*vide* a tradução para o português, 1978), que assinalou os vários nomes atribuíveis a uma mesma referência (o exemplo clássico é o planeta Vênus, também denominado como Estrela Matutina e Estrela Vespertina), argumentou sobre as dificuldades para a categorização em aquisição da linguagem. Brown chamou a atenção para o fato de que alguns rótulos são mais adequados que outros, o que posteriormente veio a inspirar Rosch (1978, p. 12) em sua proposta do membro prototípico de uma categoria: “*Rosch e Mervis (1975) demonstraram que quanto mais o membro de uma categoria prototípica for avaliado, mais atributos ele terá em comum com os outros membros da categoria e menos atributos em comum com membros de categorias contrastantes*”.

Pode-se inferir das reflexões de Frege e Brown a importância de distinguir a diferença entre memória popular (*folk memory*), também conhecida como conhecimento de mundo e memória ou conhecimento enciclopédico para entender as estratégias preferidas pelos sujeitos letrados.

Somente teorias e modelos recentes, a partir das pesquisas de Luria (1990 [1932]) vêm dando conta das estratégias seguidas por participantes, seja a teoria dos protótipos padrão (Rosch, 1978) ou a expandida (Lakoff, 1987, 1988), a teoria que postulou a diferença entre o conhecimento enciclopédico e o conhecimento de mundo (*folk categorization*, Taylor, 1990) e a teoria enatista (Varela, Thompson e Rosch, 1993). Essas teorias demonstraram a importância da experiência pessoal e da história de vida do indivíduo na categorização semântica.

Tais questões foram aprofundadas no artigo de Kolinsky *et al.* (2014), no qual foram apresentados e discutidos os resultados de dois experimentos, o primeiro deles, que testou se havia diferenças entre o grupo com e sem educação formal, na categorização semântica, através de testes de fluência semântica e de nomeação do superordenado; o segundo deles testou a relação entre proficiência em leitura e fluência semântica. No primeiro dos experimentos de Kolinsky *et al.* (2014, p. 109), os participantes foram os mesmos que os da pesquisa apresentada a seguir, com o acréscimo de mais quinze participantes. Os dados, porém, foram obtidos através de um paradigma experimental distinto e serão objeto de discussão, no presente ensaio.

A hipótese levantada é a de que, embora todos os indivíduos sem quaisquer transtornos cognitivos maiores possuam uma memória semântica linguística organizada por campos semânticos que se estruturam hierarquicamente, a partir de uma base, em superordenados (hiperônimos) e subordinados (hipônimos), com suas respectivas subdivisões, formando agrupamentos (*clusters*), assim como uma memória episódica, baseada em aspectos concretos da

experiência, funcionais, perceptuais, por contiguidade espacial e/ou temporal, há estratégias preferenciais em favor do acesso a uma, ou a outra das memórias, dependentes de fatores como a experiência pessoal, grau de escolaridade e competência leitora.

Na pesquisa cujos resultados são aqui discutidos, foi utilizado o método dos Protocolos de Pensar em Voz Alta (*TAP, Thinking Aloud Protocols*, Ericsson; Simon, 1980, 1984), versão retrospectiva imediata dialógica, solicitando aos participantes justificar, retrospectivamente, as razões de terem escolhido entre duas palavras a que emparelhasse melhor com uma primeira. 46 sujeitos, moradores das cidades de Palhoça (SC), Florianópolis (SC) e Maringá (PR), foram selecionados e agrupados de acordo com dois fatores principais: nível de letramento e escolaridade. A idade variou entre 25 e 65 anos.

Tabela 1 – Grupos de sujeitos

Grupos	Ss	Escolaridade
G1 iletrados	9	Nunca frequentaram a escola ou estavam iniciando
G2 semiletrados	7	Não ultrapassaram a 4 th série do 1º grau
G3 letrados	10	Não ultrapassaram a 8 th série do 1º grau
G4 letrados	10	Não ultrapassaram a 3 th série do 2º grau
G5 letrados	10	Universidade completa

Fonte: Elaboração própria.

Com exceção de 2 iletradas e 2 semiletradas que eram donas-de-casa, todos os demais participantes do grupo 1 exerciam profissões como operários, empregadas domésticas, cozinheiras, cabeleireiras, guardas-noturnos ou porteiros. Entre os participantes do grupo 2, havia 1 aposentado, uma dona- de-casa, administradores, professores, motoristas e enfermeiras.

O primeiro instrumento de pesquisa foi um teste contendo 35 tríades de palavras, confeccionado por Monteiro (2001) para sua pesquisa de doutorado: a maior parte das tríades foi elaborada para testar qual a preferência do participante, se por acessar a memória episódica (de eventos, temática), ou a memória semântica. Por exemplo, dado o primeiro estímulo ‘janela’, o participante deveria escolher entre ‘porta’ ou ‘cortina’, qual emparelhasse com a primeira palavra. Da simples escolha de ‘porta’, infere-se um processo de categorização em um superordenado próximo, ‘casa’, formando-se um *cluster* com dois elementos. Mas, se o participante tivesse escolhido ‘cortina’, não teria havido um processo de categorização e, sim, a evocação por contiguidade usual de um esquema na memória episódica, em que o participante teria visualizado uma janela com uma cortina. Um pequeno grupo de tríades induzia à categorização semântica de duas palavras, com exclusão da utilização da memória episódica, pois a terceira era um distrator,

como em, dado o estímulo ‘ouro’, o emparelhamento só poderia ser efetuado com a palavra ‘prata’, sendo ‘óleo’, um distrator. Da mesma forma, só que agora, induzindo à utilização da memória episódica, com exclusão da categorização semântica, um outro pequeno grupo de tríades, como no exemplo, dado o estímulo ‘cinema’, o emparelhamento, em virtude da função de finalidade, só poderia ser efetuado com a palavra ‘ingresso’, sendo ‘rua’, um distrator.

O teste das tríades de emparelhamento de palavras era precedido do seguinte comando: *“Vou dizer uma palavra, você vai repetir a palavra que eu disser, depois eu vou dizer outras duas palavras e você vai me dizer qual das duas tem mais a ver com aquela primeira que falei. O que tem a ver, se a outra tem alguma coisa a ver.”* A seguir era dado um pequeno treino.

O outro instrumento utilizado foram os Protocolos de Pensar em Voz Alta (*TAP, Thinking Aloud Protocols*, Ericsson; Simon, 1980, 1984), versão retrospectiva imediata dialógica. Foi solicitado aos participantes, após haver selecionado a palavra da tríade, justificar por que havia feito tal escolha. Assim, por meio do protocolo de pensar em voz alta, foi possível ao pesquisador ter acesso a alguns processos cognitivos envolvidos que, retrospectivamente, o participante conseguiu evocar, na tarefa que acabara de executar.

Os testes foram aplicados individualmente e todas as respostas foram gravadas e depois transcritas para análise.

Apresentamos, a seguir, os resultados globais do teste das tríades, sobre os quais faremos um breve comentário, pois, para atingir o objeto do presente texto que é contribuir para o debate, na pesquisa psicolinguística, sobre como está estruturado o conhecimento na memória semântica e episódica e sobre quais fatores determinam as estratégias preferenciais de acesso a uma, ou a outra dessas memórias, são necessárias evidências mais explícitas, contidas nos Protocolos de Pensar em Voz Alta, na versão retrospectiva imediata dialógica, dos quais analisaremos uma amostragem, na sequência.

Tabela 2 – Resultados percentuais no teste das tríades para verificar preferência por acessar a memória episódica (de eventos, temática) ou a memória semântica

	G1	G2	G3	G4	G5
Memória de eventos	77%	72%	64%	63%	52%
Categorização semântica	20%	27%	33%	33%	47%

Fonte: Elaboração própria.

Observa-se que tanto o grupo dos iletrados e semiletrados, com nenhuma ou pouca

escolaridade, quanto o grupo dos letrados, mesmo aqueles com escolaridade superior, demonstraram preferência pela estratégia de acesso à memória episódica, embora essa preferência decresça gradativamente até atingir 52% no grupo 5.

Vejamos amostras que reforçam a preferência dos participantes pelas estratégias que evocam a memória episódica, até contradizendo, algumas vezes, uma aparente estratégia de categorização semântica na seleção da palavra para emparelhar com o estímulo. Selecionamos as amostras do grupo 1 (iletrados) e 2 (semiletrados) onde fica mais evidente essa forma de argumentar. Nos exemplos a seguir, indicaremos sempre a tríade das palavras, mencionando a seguir a palavra com a qual o sujeito deveria emparelhar uma das duas disponibilizadas e as explicações do sujeito.

Amostra: APC

No decorrer da pergunta-treino ao sujeito APC (53 anos, iletrado): “O que combina mais, o que que tem mais a ver com o *olho*, a *orelha* ou os *óculos*?” “– O olho tem mais a ver ca orelha”. A primeira constatação diante desta resposta é a de que o sujeito estaria categorizando a partir de traços essenciais, estando implícito o superordenado ‘órgãos do corpo’, ou, numa categorização baseada no conhecimento enciclopédico, como ‘órgãos dos sentidos’.

Convém neste passo considerar que o modelo de Rosch (1973, 1978) de três níveis, compreendendo o nível subordinado, o de base e o superordenado não dá conta de todas as subcategorizações possíveis, dentro do conhecimento enciclopédico ou especializado: existe a necessidade de mais níveis intermediários, a começar pelo mais próximo ao nível de base.

A constatação inicial diante da resposta “O olho tem mais a ver ca orelha” é, no entanto, desfeita diante da explicação logo a seguir dada pelo sujeito à pergunta “Por quê?” “– Porque realmente se, por exemplo, cê que chega num espelho, ou se você vê a parte da orelha se, se não tiver o olho, cê não vai enxergá a orelha”.

Essa explicação demonstra, igualmente, uma estratégia de funcionalidade (Luria, 1990 [1932]), bem como a evocação icônica do concreto (van Helden-Lankhaar, 1999, p. 25-6), integrantes da memória episódica. Pelo *Modelo cognitivo de esquemas de imagens* de Lakoff (1987), as categorias de nível básico são estruturadas em termos da percepção gestáltica como imagens mentais e esquemas motores. Conforme se pode depreender da explicação do sujeito, não ocorre um processo taxonômico, de agrupar ‘olho’ com ‘orelha’ num *cluster* por estarem subordinados ao superordenado “órgãos do corpo” e sim uma recuperação de uma imagem

icônica, possivelmente integrante do esquema “olhar-se ao espelho” em sua memória episódica.

O modelo proposicional que o sujeito utiliza para argumentar (recorrente noutros sujeitos iletrados) é com o operador “se...”. Em adendo, uma estratégia muito utilizada pelos iletrados que abona as explicações dadas pelo participante APC é a que se baseia no conhecimento a partir das ações (Varela, Thompson e Rosch, 1993) e dos eventos, a Teoria da Representação de Eventos (Lucariello e Nelson, 1985), embora as explicações dos sujeitos pareçam vir associadas também aos esquemas de imagens de Lakoff.

Amostra: Z

Vejamos como a participante Z, uma senhora de 54 anos, responde à pergunta-treino. Num primeiro momento, Z se recusa a incluir numa mesma classe ‘olho’ e ‘orelha’: “A senhora acha, D. Z, que teria alguma coisa a ver *olho* com *orelha*”? “ – Eu acho que não”. “A senhora pode repetir só esse pedaço da orelha”? “ – A orelha tem a ver com os olhos porque segura os óculos, se a gente não tiver orelha, não pode botar óculos, né”?

A participante se apoia no critério da funcionalidade (Luria, 1990 [1932]), bem como no da evocação icônica do concreto (van Helden-Lankhaar, 1999, p. 25-6), integrantes da memória episódica e argumenta com o operador “se...”.

Amostra: V

Um outro exemplo desta estratégia, desta vez, a resposta da participante V à pergunta “O que tem mais a ver com *cinema*, a *rua* ou o *ingresso*”? “ – O ingresso, né”. “Por quê”? “ – Porque, se você não tiver o ingresso, não pode assistir o cinema, né, tem que ter ... apesar que todos dois combina. Se não tiver a rua, você não pode passar pra ir comprar o ingresso, né, então...”.

Observe que essa tríade era das que induzia à classificação pela memória episódica, emparelhando ‘cinema’ com ‘ingresso’, sendo ‘rua’ um distrator, mas a participante quis também acomodar ‘rua’ no grupo, criando toda uma narrativa com o operador “se...”.

Verifique-se que a participante V, numa outra resposta, aparentemente, estaria categorizando semanticamente o item ‘porta’ junto ‘janela’ em um superordenado próximo, ‘casa’, conforme o previsto, mas sua justificativa para a escolha derruba essa hipótese e se enquadra numa estratégia característica à memória episódica, explicada pela teoria das ações (Varela, Thompson e Rosch, 1993) e pela da funcionalidade de Luria (1990 [1932]): “A senhora vai combinar com a *janela* ou a *porta* ou a *cortina*”. “ – Então a janela”. “Não, porta ou cortina”. “ –

Porta”. “Por quê”? “ – Porque a porta dá pra você passar. Pela janela é meio difícil, né?”.

Essa incoerência para categorizar é ratificada quando V resolve encaixar ‘cortina’, evocada por contiguidade usual de um esquema na memória episódica, em que o participante teria visualizado uma janela com uma cortina: “Janela. O que que combina mais com janela, o que tem mais coisas a ver com *janela*, a *porta* ou a *cortina*”? “ – A cortina”. “Por quê”? “ – Porque pra colocar uma cortina na porta fica meio difícil, né, então tem que ter uma janela que é pra escurecer para ficar mais...”.

O Protocolo de Pensar em Voz Alta, versão retrospectiva imediata dialógica, continua, com a pesquisadora insistindo para ver se obtém uma resposta única: “A janela e a porta têm alguma coisa a ver”? “ – Todas as duas têm a ver”. “Tem o quê”? “ – Todas as duas dá pra abrir pra tu olhar na rua, pra ver uma claridade, né”? Verifica-se, pois, a dificuldade de a participante encontrar o superordenado: embora estabeleça um elo entre “porta” e “janela”, ele é baseado suas ações e numa finalidade que não é comum aos dois conceitos. Esta dificuldade classificatória se repete nas respostas que V confere às perguntas.

Amostra MH

A participante MH, no treino, de saída baseou-se na estratégia funcional da finalidade (“O óculos foi feito pra enxergar”), que manteve durante todo o teste; após a insistência do pesquisador (“Não tem alguma coisa a ver o olho e a orelha?”), respondeu, categorizando semanticamente: “São dois órgãos, né”? Usou o mesmo operador final para classificar lençol e fronha, na tríade ‘*lençol*, *fronha*, *cama*’: “Porque é a mesma coisa, fronha e lençol é pra cima da cama, pra usá na cama”. Mas o mesmo raciocínio é utilizado para associar ‘lençol’ e ‘cama’: “Sim. Que lençol é pra usá na cama, né”?

Vejam em MH mais algumas ocorrências da estratégia funcional com o operador final: “Para *berço*, *bebê* ou *cama*”? “Bebê, porque o berço foi feito pro bebê dormir”. Novamente ocorre uma dificuldade de chegar ao superordenado ‘Móveis’, predominando a funcionalidade. A pesquisadora insiste e obtém o agrupamento correto, mas a justificativa não valida a hipótese, porque se apoia na função finalidade: “Tem alguma coisa a ver *berço* e *cama*”? “ – Tem, porque a cama é feita pra dormir também”.

“Para *janela*, *porta* ou *cortina*”? “ – Cortina, porque é feito pra colocar na janela”. “Para *nariz*, *lenço* ou *pescoço*”? “ – Lenço, porque é pra limpar o nariz”.

Pode-se observar que as vezes em que MH deu uma resposta classificatória, elas

independiam de um conhecimento obtido na escola. Por exemplo, na reapresentação feita à tríade ‘*coelho, cenoura, porco*’, depois de o sujeito MH ter escolhido cenoura (“Porque coelho come cenoura”), quando o pesquisador indaga “Tem alguma coisa a ver coelho e porco?”, o sujeito responde: “Sim, porque é animal, né”? A resposta classificatória baseada no conhecimento enciclopédico seria: “Porque são mamíferos”. Na hierarquia, ‘animal’ é um superordenado mais genérico que ‘mamífero’. Mas a falta de conhecimento enciclopédico leva o mesmo sujeito a dar as seguintes respostas à tríade *cão, burro, camarão*: “ – Burro”. “Por quê”? “ – Porque é animais”. “Tem alguma coisa a ver cão e camarão”? “ – Não, camarão é peixe”.

A discrepância argumentativa de MH se repete nas respostas à tríade *pepino, feijão, ovo*: “ – O feijão”. “Por quê”? “ – Porque é feito pra comê”. “Tem alguma coisa a ver pepino e ovo”? “ – Não”.

Conforme já observado no início, algumas perguntas receberam dos sujeitos respostas classificatórias superordenadas, seja de saída, seja após tentativas ensejadas pelo pesquisador. Isto demonstra que não existe uma incapacidade cognitiva para o uso da estratégia classificatória, mas sim que outras estratégias são as preferidas pelos sujeitos iletrados, uma vez que se apoiam muito mais em sua experiência pessoal, registrada na memória episódica. Uma hipótese a ser testada em futuros experimentos é a de que a leitura é que desenvolve a capacidade de referenciar sobre o que está ausente do campo da visão.

A parte mais frutífera deste estudo reside, sem dúvida, nos Protocolos de Pensar em Voz Alta que nos permitem começar a entender os processos ainda obscuros da categorização semântica.

Considerações finais

Neste ensaio nos propusemos contribuir para o debate, na pesquisa psicolinguística, sobre como está estruturado o conhecimento na memória semântica e episódica e sobre quais fatores determinam as estratégias preferenciais de acesso a uma ou a outra dessas memórias.

Começamos pelas dificuldades impostas pelo próprio objeto a ser investigado, em virtude da inacessibilidade direta à sua estrutura e funcionamento, o que levou os linguistas de meados do século XX a retirarem a semântica de seu escopo e os psicólogos e psicolinguistas a buscarem modelos baseados em metodologias inferenciais, para, em nível explicativo, se avançar em como está estruturado o conhecimento na memória semântica e episódica e sobre quais fatores determinam as estratégias preferenciais de acesso a uma ou a outra dessas memórias.

Para contribuir para o debate, apresentamos brevemente os resultados de um experimento, cuja hipótese de trabalho foi a de que, embora todos os indivíduos sem quaisquer transtornos cognitivos maiores possuam uma memória semântica linguística organizada por campos semânticos que se estruturam hierarquicamente, a partir de uma base, em superordenados e subordinados, assim como uma memória episódica, baseada em aspectos concretos da experiência, funcionais, perceptuais, por contiguidade espacial e/ou temporal, há estratégias preferenciais em favor do acesso a uma, ou a outra das memórias, dependentes de fatores como a experiência pessoal, grau de escolaridade e competência leitora.

Os instrumentos da pesquisa, aplicados em 46 participantes, distribuídos em 5 grupos, de acordo com seu nível de letramento e de escolaridade, desde os iletrados até os com curso superior, nos municípios de Palhoça (SC), Florianópolis (SC) e Maringá (PR), foram dois: um teste contendo 35 tríades de palavras, para verificar a preferência dos participantes se por acessar a memória episódica (de eventos, temática), ou a memória semântica e os Protocolos de Pensar em Voz Alta, versão retrospectiva imediata dialógica. Foi solicitado ao participante, após haver selecionado a palavra da tríade, justificar por que havia feito tal escolha. Assim, foi possível ao pesquisador ter acesso a alguns processos cognitivos envolvidos que, retrospectivamente, o participante conseguiu evocar, na tarefa que acabara de executar.

Os resultados do teste das tríades apontam que tanto o grupo dos iletrados e semiletrados, com nenhuma ou pouca escolaridade, quanto o grupo dos letrados, mesmo aqueles com escolaridade superior, demonstraram preferência pela estratégia de acesso à memória episódica, embora essa preferência decresça gradativamente, começando por uma preferência de 77% no G1 até atingir 52% no G5.

Mas é no teste TAP que as diferenças se mostram mais acentuadas, pois, os iletrados e semiletrados, embora não apresentem incapacidade cognitiva para o uso da estratégia de categorização semântica, ao justificarem sua escolha, mesmo que pareça terem agrupado as duas palavras, sob um suposto superordenado, demonstram que usaram uma estratégia de funcionalidade (Luria, 1990 [1932]), e/ou a evocação icônica do concreto (van Helden-Lankhaar, 1999, p. 25-6), integrantes da memória episódica.

Outra estratégia que se evidencia nas justificativas e muito utilizada pelos iletrados e semiletrados é a que se baseia no conhecimento a partir das ações (Varela, Thompson e Rosch, 1993) e dos eventos, a Teoria da Representação de Eventos (Lucariello e Nelson, 1985), embora as explicações dos participantes pareçam vir associadas também aos esquemas de imagens de Lakoff

(1987, 1988).

É recorrente a incoerência na argumentação, quando o participante justifica o encaixe das duas palavras e só uma delas poderia ser selecionada, com exclusão da outra, no agrupamento. O procedimento do participante consiste em evocar, na memória episódica, uma imagem visual na qual o item apareça usualmente contíguo ao estímulo (como no exemplo 'janela, cortina, porta'). Possivelmente o desenvolvimento da competência leitora poderá ter efeitos sobre o refinamento da categorização semântica, o que somente pesquisas futuras poderão comprovar.

Referências

- BLOOMFIELD, L. *Language*. New York, Henry Holt, 1960 [1933].
- BROWN, R. How shall a thing be called? *Psychological Review*, 65, 1958, p. 14-21.
- ERICSSON, K. e SIMON, H. "Verbal reports as data". *Psychological Review*, v. 87, n. 3, p. 215–251, 1980. DOI:[10.1037/0033-295X.87.3.215](https://doi.org/10.1037/0033-295X.87.3.215).
- ERICSSON, K. e SIMON, H. *Protocol Analysis: Verbal Reports as Data*. Boston: MIT Press, 2a. ed., 1984.
- KOLINSKY, R.; MONTEIRO-PLANTIN, R. S.; MENGARDA, E. J. GRIMM-CABRAL, L.; SCLIAR-CABRAL, L.; MORAIS, J. How formal education and literacy impact on the content and structure of semantic categories. *Trends in Neuroscience and Education*, 3, p. 106–121, 2014.
- LAKOFF, G. Women, fire, and dangerous things: What categories reveal about things. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1987. LAKOFF, G. Cognitive semantics. In: U. Eco, M. Santabrogio e P. Violi (Eds.) *Meaning and mental representations*. Bloomington, Indianápolis: Indiana University Press, 1988.
- LUCARIELLO, J. e NELSON, K. Slot-filler categories as memory organizers for young children. *Developmental Psychology*, 21(2), 1985, p. 272–282.
- LURIA, A. R. *Desenvolvimento cognitivo*. São Paulo: Ícone, 1990 [1932].
- MONTEIRO-PLANTIN, R. S. A estruturação da memória semântica: os desafios do letramento e da escolarização. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.
- NYBERG, L.; CABEZA, R. e TULVING, E. PET studies of encoding and retrieval: The HERA model. *Psychonomic Bulletin and Review*, 3, 1996, p. 135-148.
- PAN, B.A. e BERKO-GLEASON, J. Semantic development: Learning the meanings of words. In: J. Berko-Gleason (Ed.) *The development of language*. Needham Heights, MA: Allyn & Bacon/Pearson Education, 2001, cap. 4.
- ROSCH, E. Natural categories. *Cognitive Psychology*, 4, 1973, p. 328-50.
- ROSCH, E. Principles of categorization. In: E. Rosch e B. Lloyd (Eds.) *Cognition and Categorization*. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1978, p. 27-48. PDF disponível na rede, nº 9778_083247(9).pdf.
- ROSCH, E. e MERVIS, C. B. Family resemblances: Studies in the internal structure of categories. *Cognitive Psychology*, 7, 1975, p. 573-605.

TAYLOR, J.R. Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory. New York: Oxford Univ. Press, 1990.

TULVING, E. Episodic and semantic memory. *In*: E. Tulving e W. Donaldson (Eds.) *Organization of memory*. New York: Academic Press, 1972, p. 381-403.

VAN HELDEN-LANKHAAR, A. M. Words in Progress: Taxonomic relations and novel compounds in lexical development. PhD Thesis, University of Utrecht, 1999.

VARELA, F., THOMPSON, E. e ROSCH, E. *The embodied mind: cognitive science and human experience*. 3 ed. Cambridge, London: The M.I.T. Press, 1993.
